



Aspectos da dêixis espacial em narrativas orais amazônicas: uma análise sociocognitiva e cultural

Aspects of spatial deixis in Amazonian oral narratives: a sociocognitive and cultural analysis

Heliud Luis Maia Moura¹

Universidade Federal do Oeste do Pará (Brasil)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo estudar o fenômeno da dêixis enquanto uma atividade textual-discursiva, constitutiva tanto de textos orais quanto de textos escritos. As bases teóricas que fundamentam este trabalho estão ancoradas nas postulações de Benveniste (1995, 2006); Buhler (1978); Cervoni (1989); Crystal (2000); Dubois (1990); Ducrot & Todorov (2007); Fillmore (1997, 1984); Marcuschi (2007). Para estes autores, sobre diversos enfoques, a dêixis é um fenômeno discursivo-enunciativo, uma atividade interacional pela qual as interações acontecem, mais precisamente, nas relações em que estão inseridos os interlocutores. A amostra em análise é parte de um *corpus* maior de trinta narrativas orais, coletadas em comunidades do interior da Amazônia. Detendo-me, neste estudo, em duas, em que observo a forma como determinados dêíticos (re)constroem espaços referencial-culturais. Os resultados da pesquisa, ainda em andamento, levam-me a dizer que as construções referencial-dêíticas, especificamente as dêíticas, são constitutivas de práticas culturais situadas, construídas dinamicamente pelos contextos em que são mobilizadas, particularmente nos *loci* em que as narrativas sob investigação são (re)contadas.

PALAVRAS-CHAVE:

Contexto sociodiscursivo. Referenciação. Dêixis.

ABSTRACT

This article aims to study the phenomenon of deixis as a textual-discursive activity, constitutive of both oral and written texts. The theoretical foundations underlying this work are anchored in the postulations of Benveniste (1995, 2006); Buhler (1978); Cervoni (1989); Crystal (2000); Dubois (1990); Ducrot & Todorov (2007); Fillmore (1997, 1984); and Marcuschi (2007). For these authors, from various perspectives, deixis is a discursive-enunciative phenomenon, an interactional activity through which interactions occur, more precisely, in the relationships in which the interlocutors are inserted. The sample under analysis is part of a larger corpus of thirty oral narratives collected in communities in the interior of the Amazon. In this study, I focus on two, in which I observe how certain deictics (re)construct referential-cultural spaces. The results of the research, still ongoing,

Recebido em: 05/05/2025

Aceito em: 18/10/2025

¹ E-mail: heliudlmm@yahoo.com.br | ORCID: orcid.org/0000-0003-3259-6614

lead me to say that referential-deictic constructions, specifically deictics, are constitutive of situated cultural practices, dynamically constructed by the contexts in which they are mobilized, particularly in the loci in which the narratives under investigation are (re)told.

KEYWORDS:

Sociodiscursive context. Referral. Deixis.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar a dêixis enquanto um fenômeno textual-discursivo, considerando-a como um fenômeno constitutivo de textos orais e escritos. Nesta pesquisa, analisa-se como os mostrativos constroem as referências culturais que tratam de encantamento e cobra, em narrativas (re)contadas em comunidades campesinas da Amazônia. Considerando esse contexto e observando como os elementos dêiticos constituem as práticas culturais em mobilização no *locus* da pesquisa, é que me interessei em investigar as diferentes formas por meio das quais o fenômeno em questão se realiza nos textos de narrativas orais (re)contadas em comunidades amazônicas. Desse modo, passei a observar o uso, nos textos orais em estudo, das construções dêiticas específicas de práticas narrativas orais, como as aqui analisadas. Subsidiam este trabalho as postulações de Benveniste (1995, 2006); Buhler (1978); Cervoni (1989); Crystal (2000); Dubois (1990); Ducrot & Todorov (2007); Fillmore (1997, 1984); Marcuschi (2007), para os quais, sob diferentes prismas teóricos, a dêixis, enquanto um fenômeno discursivo-enunciativo, constitui uma atividade por meio da qual as interlocuções são construídas.

De acordo Benveniste (1995, 2006), as enunciações estão constringidas pelos contextos sobre os quais atuam, implicando fatores sociopragmáticos construtivos dessas atividades. Buhler (1978) afirma que os pronomes, os advérbios de lugar e tempo são dêiticos, como também os adjetivos relativos, corroborando a premissa segundo a qual as relações dêiticas estão engatilhadas em efeitos produzidos pelas condições em que os discursos se realizam. O *corpus* constitui-se de trinta narrativas orais, detendo-me em duas, observando como determinados dêiticos (re)constroem atividades referencial-culturais. Os resultados da pesquisa apontam para o fato de que as construções referencial-dêiticas, no caso as construções locativo-espaciais, são tributárias de práticas culturais específicas, mormente nos contextos em que as narrativas sob investigação são (re)contadas. A pesquisa em questão é qualitativa e, de certa forma, de natureza participante e intervventiva, já que envolve a presença do pesquisador.

Segundo Marcuschi (2007), a língua não tem uma semântica imanente, já que ela é indeterminada, complexa e instável. Assim, os sentidos instaurados nas construções dêiticas estão

imbricados no processo textual-discursivo, de modo que as construções dêiticas constroem as formas pelas quais a cultura existe enquanto tal. Nesse sentido, essas construções integram um processo sociocognitivo-cultural, reiterando as formas de agir numa determinada comunidade. Logo, as expressões dêiticas são constitutivas das maneiras por meio das quais os elementos de uma cultura são mobilizados em diferentes práticas.

Para Marcuschi (2008, p. 64), “a língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, desenvolvida de acordo com as práticas socioculturais e, como tal, obedece a convenções de uso fundadas em normas socialmente instituídas”. Com base neste pressuposto, a concepção de dêixis, aqui postulada, reafirma a noção de que as práticas dêiticas são constituídas nos *loci* em que os sentidos transitam, assim como tais práticas são constitutivas dos contextos nos quais a atividade enunciativa se realiza, reiterando a noção de que a relação sujeito-contexto é construída a partir de elementos sociais, históricos, culturais e ideológicos.

2. Bases teóricas

A dêixis constitui uma atividade discursivo-enunciativa que pressupõe um locutor e um alocutário, de acordo, concomitantemente, com as circunstâncias em que a enunciação ocorre. Logo instâncias como espaço, tempo e interlocutores, numa relação dialógica, constituem elementos centrais por meio dos quais o ato de enunciar se instaura, toma “corpo” e faz sentido em toda a sua complexidade e dinamismo. Dada essa noção, Cervoni (1989, p. 23) afirma:

Os dêiticos, cuja série representativa é eu, tu, aqui, agora, são as palavras que designam, dentro do enunciado, os elementos construtivos de toda enunciação, que são o locutor, o alocutário o lugar e o tempo da enunciação. Mas eles os designam à sua maneira: “refletindo sua ocorrência”. Isso quer dizer que, em cada ocorrência de eu, esta palavra só pode designar o indivíduo que disse eu para falar de si mesmo; tu só pode designar o indivíduo a quem o locutor se dirige para falar dele, alocutário; aqui e agora só podem designar o lugar e o tempo da ocorrência do enunciado de que fazem parte. Resulta (enquanto interlocutor ou testemunha, ou ainda através das informações independentes da própria interlocução) os actantes e o âmbito espácia-temporal da enunciação.

Considerando as postulações de Cervoni (1989), é possível afirmar que a dêixis designa um conjunto de construções de natureza interacional, em que o ato enunciativo se apresenta como situado, ou seja, atrelado a determinadas condições de produção. Mais do que isso, as construções dêiticas são aparatos discursivos e textuais que carregam em si os modos pelos quais a enunciação² se efetiva. Nesse sentido, a dêixis tem a propriedade discursiva de instanciar enunciador e enunciatário, considerando, necessariamente, as condições sociopragmáticas por

² Gêneros, segundo Bakhtin (2010)

meio das quais os enunciados são construídos, investidos de diferentes tipos de relações, sejam de tempo-espacó, pessoa, circunstância, referência pronominal, pessoal, mostrativa ou designativa. Assim, dadas as características das ações de linguagem que estão sendo mobilizadas nos diversos contextos sociais, o uso dos dêiticos imprime a essas ações particularidades *sui generis*, tornando-as diferentes e contrapostas entre si. Acrescentando ao que está sendo aqui dito, Cervoni (1989, p. 24) postula, ainda, que,

(...) para caracterizar bem as especificidades dos dêiticos entre os outros signos, podemos, como R. Jakobson, apelar para a terminologia de Pierce: os dêiticos têm uma significação convencional, como os outros signos da língua. Por esse aspecto eles são *símbolos*, segundo Pierce. Figuram no dicionário e não precisamos considerar o seu emprego para dizer como seriam traduzidos em outras línguas. Assim, *eu* tem como significação geral única e constante a de designar o remetente da mensagem, *tu*, o destinatário (reconhecemos aí a terminologia de Jakobson). Por isso é um erro considerá-los como formas vazias que recebem em cada um de seus empregos uma significação diferente. Mas os dêiticos possuem conjuntamente um outro aspecto: só podem receber um sentido determinado se estão numa relação existencial com o objeto que representam. Por aí, eles participam da natureza do que Pierce denomina os *índices*. O índice por exceléncia é o gesto através do qual designamos um objeto: não ausência do objeto, o gesto não está de modo algum a ele associado; não significa nada. O gesto só se torna signo se está numa relação de fato com um objeto.

As postulações de Cervoni (1989) enfatizam o caráter interacional e relacional existente entre sujeitos e o mundo existencial. Logo, as atribuições designativas só fazem sentido no âmbito do que posso chamar da “cumplicidade” necessária entre sujeitos culturalmente imersos e entre estes e os objetos culturais que os constituem.

De acordo com Flores et al. (2021, p. 77), com base em Benveniste (1966, 1974, 1989):

A dêixis é um mecanismo ou uma relação, pois é responsável pela conversão do significado do signo no nível semiótico da língua em referência da palavra no nível semântico da língua. Trata-se de uma conversão do significado – repetível – do signo – à referência – irrepetível – da palavra. Benveniste exemplifica essa relação com palavras tais como os adjetivos, os pronomes demonstrativos (este, esta, entre outros), os advérbios de lugar (aqui, entre outros) e de tempo (agora, hoje, entre outros). Dessa forma, “aqui”, na frase “Estou aqui.”, enquanto signo, significa um espaço ocupado por alguém por oposição a um espaço ocupado por outros e que pode se converter, enquanto palavra, em referência a um espaço em que *eu* se encontra de alguma maneira singular.

Segundo a perspectiva, acima colocada, a dêixis instaura o lugar enunciativo de onde o *eu* fala, de forma a estabelecer a posição ou o lugar a partir do qual a enunciação é construída, é também um significado constituído na relação entre os sujeitos ou entre sujeito e objeto, que vai muito além de uma relação puramente física ou locativa. Por essa acepção, as relações dêiticas estão imbuídas pelo modo pelo qual o contexto social, psicológico e cultural constringe ou especifica a natureza dessa relação.

Fillmore (1984, p. 61) comprehende a dêixis como imersa nas circunstâncias em que se dá o

ato enunciativo. Nessa perspectiva, conceitua:

Dêixis é o nome dado a propriedades formais de enunciados que são determinadas por certos aspectos do ato de comunicação em que as declarações em questão podem desempenhar um papel e que são interpretadas pelo conhecimento. Essas declarações incluem (1) a identidade dos interlocutores em uma situação de comunicação, denominada pelo termo *dêixis de pessoa*; (2) o lugar ou lugares em que esses indivíduos estão localizados, para qual termos o tempo *dêixis de lugar*; (3) o tempo em que o ato de comunicação toma lugar (...).

Com base na noção acima colocada, postulo ser a dêixis muito mais que uma marca formal constitutiva dos textos, uma espécie de baliza que os retira de uma suposta neutralidade comunicativa. Assim, para ir muito além dessa perspectiva, assumo serem os dêiticos elementos sociorretóricos e enunciativos construtores da situação interativa e, portanto, instrumentos essenciais ao próprio ato de enunciar, sem os quais tal ato não se efetivaria. Vendo por esse ângulo, a dêixis passa a constituir-se como um fenômeno pragmático, por meio do qual as ações de linguagem são empreendidas segundo regras socialmente compartilhadas e realizadas por um conglomerado de elementos por meio das quais a referência não constitui uma atividade descarnada dos contextos sob os quais atua; nesse sentido, os próprios dêiticos são parte integrante da construção da referência e é por meio deles que a ação de referenciar é significada³, instaurando um ato enunciativo enquanto constituído pela relação sujeito-mundo, numa situação regulada por princípios inerentes a uma dada cultura.

Marcuschi (2007, p. 76), ao citar Buhler, explica:

Karl Buhler distingua de maneira sistemática entre um (*symbolfeld der sprache*) e um *campo mostativos da linguagem* (*Zeigfeld der sprache*). O campo mostativo, que incorporava todos os tipos de dêiticos, recebia sua especificação e determinação referencial de caso a caso (“*Von Fall zu Fall*”). Para Buhler, os dêiticos como “eu/tu”, “aqui/lá”, “agora/depois” têm sua determinação referencial na relação com os contextos e os falantes, ligando-se, portanto, a uma *origo* que lhes dá uma característica egótica. Assim, se fôssemos querer para os dêiticos o mesmo procedimento referencial que para os nomes, deveríamos ter para cada “aqui” e para cada “agora” ou “eu” um nome e com isso precisaríamos de tantos nomes quantos usos. Justamente por essa impossibilidade e por esse funcionamento largamente econômico, os dêiticos distinguem-se dos *signos conceituais* (*Nennwörter*), que pertencem ao campo simbólico e têm sua identificação referencial preenchida de maneira diferente ao possuírem uma “*Wasbestimmtheit*” (determinação substantiva). Desse modo, falantes diversos, em situações diversas e mesmo na ausência de um dado objeto podem designá-lo (construí-lo) com relativa precisão e similaridade.

A perspectiva de Marcuschi (2007), ancorada em Buhler (1978), é a de que a dêixis pertence ao campo mostativo da linguagem, no entanto, para além da função puramente mostativa ou fórica, os dêiticos incorporam valores ligados aos contextos em que se inserem,

³ Segundo Bakhtin (2010), ação pela qual os referentes são construídos em signos, sejam eles verbais ou não verbais.

portanto, não atuam de maneira geral na língua/linguagem, mas atrelam-se a situações específicas de uso dessas instâncias simbólicas, carregando significados requeridos pelas “exigências” das situações sociocomunicativas.

Marcuschi (2007, p. 76), ao se reportar às concepções de Buhler (1978) sobre a dêixis, explicita:

O interesse da abordagem de Buhler para o nosso caso está nos três tipos de dêixis ou “modos de mostraçāo” (*modi des Zeigens*) propostos, isto é:

- (a) *Stumme Deixis (Demonstratio ad Oculos)* (a dêixis muda o apontar com o dedo, com o olhar ou com gestos sem palavras);
- (α) *Demonstrativo ad Aures (Anaphora)* (a demonstração audível ou o apontar com elementos pronominais, adverbiais de lugar, tempo, espaço etc.);
- (β) *Deixis em Phantasma (anáfora indireta)* (um processo referencial indireto e realizado pela imaginação).

Como se observa, a classificação de Buhler (1978), colocada por Marcuschi, classifica os dêiticos segundo processos diferenciados em que os elementos mostrativos se realizam por meio de signos verbais e outras semioses (não verbais). Isso reforça o caráter multimodal das construções dêiticas, além do fato de que essas construções se realizam por meio de elementos típicos de uma determinada cultura, tendo aí um significado próprio em relação às formas dêiticas usadas em outras culturas. Assim é possível postular que as formas locativo-espaciais possuem particularidades semântico-discursivas dentro das várias sociedades, servindo a propósitos interacionais coadunados com as práticas de linguagem aí mobilizadas.

Ducrot e Todorov (2007, p. 232-233), assim se referem sobre a dêixis:

OS DÊITICOS. Entendem-se por esse termo expressões referente só pode ser determinado em relação aos interlocutores (R. Jakobson chama-as SHIFTERS, EMBRAYEURS (embreagens)). Assim os pronomes da 1^a e da 2^a pessoa designam respectivamente a pessoa que fala e aquela a quem se fala. Existem em muitas línguas pares de expressões cujos elementos de distinguem uns dos outros apenas pelo fato de que apenas um é dêítico (o primeiro de cada par na lista que segue):

aqui (= no local em que se passa o diálogo) vs *lá*
ontem (= véspera do dia que falamos) vs *na véspera*
neste momento (= no momento em que falamos) vs *nesse momento*.

E. Benveniste mostrou que os dêiticos constituem uma irrupção do discurso no interior da língua, pois seu próprio sentido (o método a empregar para encontrar seu referente), apesar de depender da língua, só se pode definir por alusão a seu emprego

Embora as proposições de Ducrot e Todorov (2007) coincidiam, em alguns pontos, com as proposições de Buhler (1978), as primeiras são significativas porque encerram conceitos relativos a propriedades contextuais de uso desses elementos, considerando a sua natureza referencial-situacional. Nesse sentido, os dêiticos não dizem respeito somente às relações existentes no

interior da língua, mas só podem ser definidos por suas propriedades sociopragmáticas, o que implica dizer que seu uso está condicionado a propriedades semântico-discursivas específicas.

Benveniste (1995, p. 289-290) concebe a linguagem com a instância primordial em que se instala a subjetividade. Dado este pressuposto, o autor postula:

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas "vazias" das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua "pessoa", definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes.

Com base nessa premissa, é crucial pensar a linguagem como construída na alteridade e na intersubjetividade responsiva. Por esse viés, entende-se que as relações dêiticas são dotadas dessa natureza intersubjetiva.

Assim, é por meio da linguagem e na linguagem que nos situamos no mundo. Logo, referência a este, em todas as dimensões de sua existência, pressupõe, nesse mesmo bojo, um *locus* do qual enunciamos, ou seja, do qual falamos do mundo que nos cerca. Dessa forma, as relações não são puramente físicas, materiais ou corpóreas, mas dotadas de uma subjetividade de natureza psicológica, psicocognitiva e espiritual, o que torna o ser humano um indivíduo em constante transformação, contraditório por natureza e sempre inacabado. Os alicerces da subjetividade benvenistiana pautam-se, então, no fato de que nossas enunciações não são desgarradas dos *loci* nos quais discursivizamos, mas sim engatilhadas inescapavelmente nas condições constitutivas desses lugares, que nos autorizam a dizer deste ou daquele modo.

Para Benveniste (2006, p.68):

Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante. As formas que revestem estas categorias são registradas e inventariadas nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso. São categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se deslocam e se situam na e pela linguagem. Tentamos aqui esclarecer duas categorias fundamentais do discurso, aliás necessariamente ligadas, a de pessoas e a de tempo.

Considerando que a linguagem não só media a experiência humana, mas sobretudo a constrói, constitui-se como central pensar a vida humana como construída por experiências interativas, de modo que todo e qualquer discurso está submetido a um conjunto de interrelações. Logo, é por essas mais díspares interrelações que nos construímos e nos colocamos diante de fatos, evento, situações, pessoas e coisas. Desse modo, nossas atitudes não são meros gestos

mostrativos ou indicativos, mas, sim, maneiras ou atitudes por meio das quais também construímos nossas vivências e transitamos nos mais diferentes espaços sociais. Dada essa premissa, faz-se necessário compreender a linguagem como constituída por conflitos, instabilidades e contradições. Nesse sentido, os lugares dos quais enunciamos também nos constroem de diversas maneiras, logo enunciar é sempre dizer de um lugar social, histórico e ideológico.

Mas se a dêixis não é fenômeno exclusivamente linguístico e gramatical, é válido então postular sobre as suas características sociodiscursivas por excelência. Assim, são as condições sociointerativas que dão sentido aos enunciados. Os sujeitos estão, portanto, investidos dos sentidos relativos aos contextos a partir dos quais constroem suas opiniões e as validam. Não há como pensar em discursos fora de suas propriedades históricas e ideológicas. Os *loci* que aqui postulamos não são meros lugares físicos reificados, mas espaços sociais e institucionais pelos quais os indivíduos transitam. Por esse ângulo, as enunciações são tributárias desses lugares, onde há dispersões e instabilidades de toda ordem. Com fundamento nessa concepção Benveniste (2006, p. 68), afirma:

Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e *ele*. Este comportamento será julgado “instintivo”; para nós, ele parece refletir na realidade uma estrutura de oposições linguísticas inerente ao discurso. Aquele que fala se refere sempre mesmo indicador *eu* a ele-mesmo que fala. Ora, este ato de discurso que enuncia *eu* aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para aquele que o entende, mas para aquele que o enuncia, é a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e diversos. Assim, em toda língua e a todo momento, aquele que fala se apropria desse *eu*, este *eu* que, no intervalo das formas da língua, não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível. Desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele*, uma experiência humana se instaura de novo instrumento linguístico que a funda. Mede-se por aí a distância, ao mesmo tempo ínfima e imensa, entre o dado e a sua função. Estes pronomes existem, consignados e ensinados nas gramáticas, ofertados como s outros signos e igualmente disponíveis quando alguém os pronuncia, este alguém os assume, e o pronome *eu*, de elemento de um paradigma, se transforma em uma designação de uma experiência essencial, que não concebe possa faltar a uma língua.

As noções construídas por Benveniste fundamentam-se numa perspectiva em que perpassam dados da experiência dos sujeitos na linguagem e pela linguagem. Assim, tais sujeitos enunciam dos “pontos de vista” de que se apropriaram e dizem dos lugares nos quais esses “pontos de vista” foram produzidos. Desse modo, o jogo enunciativo se dá pela inserção nesses *loci*; evocá-lo é, portanto, uma condição necessária para a produção de todo e qualquer discurso, já que é por essa inserção que os indivíduos conseguem categorizar o mundo e referi-lo. A ação de

referenciar não é, pois, um dado da realidade do mundo natural, mas uma construção sociocognitiva e sócio-histórica; por meio desta, os sujeitos conseguem perspectivar suas ações e situá-las.

Dubois et al., (1990, p. 168), ao conceituar a dêixis, afirmam:

Todo enunciado se realiza numa situação definida pelas coordenadas espaço-temporais: o sujeito refere o seu enunciado ao momento da enunciação, aos participantes na comunicação e ao lugar em que o enunciado se produz. As referências a essa situação formam a *dêixis*, e os elementos linguísticos que ocorrem para “situar” o enunciado (para “embreá-lo” na situação) são dêiticos. A dêixis é, pois um modo particular de atualização que usa ou o gesto (dêixis mímica) ou termos da língua chamados *dêiticos* (dêixis verbal). O dêítico, ou apresentativo, é assim assimilado a um gesto verbal (equivalência entre *entregue* a João, entendendo a mão, e *entregue isto* a José).

As afirmações de Dubois et al., (1990), não denotam muito das noções, anteriormente colocada acerca da dêixis, no entanto, é importante ressaltar o fato de que tais informações ancoram-se numa perspectiva que considera a dêixis como um conjunto de elementos linguísticos por meio dos quais um enunciado situa-se. Logo, conforme os autores supracitados, a dêixis é uma forma particular de atualização do que é dito num determinado contexto. Por esse ângulo, o fenômeno dêítico é visto como uma construção discursiva por meio da qual os elementos mostrativos semiotizam o que está sendo mobilizado num determinado ato enunciativo, numa relação recíproca entre enunciador, enunciatário e o conjunto de condições pelas quais são levados a enunciar. Por outro lado, tais condições têm a propriedade de determinar o modo como as ações de linguagem são veiculadas numa situação. Nesse sentido, os interactantes apontam tanto para as relações mútuas quanto para os objetos, fatos, eventos e pessoas envolvidos na situação enunciativa.

Crystal (2000, p. 74-75), ao falar da dêixis, postula:

Deixis (dêítico) termo usado na teoria LINGUÍSTICA englobando as características de pessoa, tempo e lugar de uma LÍNGUA. Estas características são vistas dentro de uma SITUAÇÃO espaço-temporal de um ENUNCIADO, estando a SIGNIFICAÇÃO do enunciado relacionado a ela. São exemplos de palavras dêiticas (ou EXOFÓRICAS): *agora/depois, aqui/ali/ai, eu/tu/ele, este/esse/aquele*. (No inglês, a divisão não é tripla, mas dupla: *here/there, this/that*. A dêixis é análoga à noção filosófica de EXPRESSÃO INDEXICAL. O termo também pode ser usado para as palavras que remetem para frente ou para trás no DISCURSO (ANÁFORA e CATÁFORA, respectivamente), como o *seguinte* o *primeiro*, etc. Esta noção é denominada às vezes de dêixis do discurso (ou do texto), distinta da dêixis social, que codifica as distinções sociais associadas a PAPÉIS PARTICIPANTES (falante-ouvinte, etc.), distinções estas encontradas no PRONOMES, HONORÍFICOS, VOCATIVOS e formas de TRATAMENTO.

O conceito de Crystal (2000) é também relevante para o objetivo deste trabalho porque dá

destaque, entre outras coisas, à noção de *foricidade*⁴, quando faz menção a formas exofóricas como: *aqui*, *ali*, *aí*. Considerando o destaque a esses elementos locativo-espaciais, é significativo discorrer neste trabalho, mesmo que suscintamente, acerca do valor discursivo e enunciativo dessas formas, tendo em conta sua função exofórica⁵, ou seja, de referir ao contexto sociocultural, apontando, portanto, para a situação na qual a atividade enunciativa está imersa.

3. Procedimentos metodológicos

O *corpus* em análise consiste de um total de trinta narrativas orais (re)contadas no interior do Município de Santarém, especificamente nas comunidades Cuipiranga, Laranjal e Arapixuna, todas essas localizadas no Distrito de Arapixuna. Essas narrativas foram coletadas por estudantes do Curso de Letras do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e fazem parte do acervo do Projeto de Pesquisa intitulado “Processos referenciais em narrativas orais amazônicas: implicações sociocognitivas e culturais”, coordenado por um docente da mesma universidade. Este Projeto está em andamento e tem como participantes alunos da graduação e Pós-graduação, no último caso, alunos do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETROS UFOPA).

Das trinta narrativas coletadas, procedo à análise de duas. Estas constam de histórias referentes a encantamento e cobra, nas quais observo as formas dêiticas locativo-espaciais. Os informantes das histórias são da faixa etária de 50 a 70 anos, sem escolaridade, nativos das comunidades nas quais se procedeu a coleta, sendo esta realizada por meio de interações espontâneas. Cumpre esclarecer, que as narrativas em estudo possuem um estatuto simbólico próprio e são ainda bastante correntes no contexto amazônico. Tais relatos têm a propriedade de regular determinadas práticas socioculturais, que passam a ser indiciadas ou demarcadas nos textos orais em apreciação. As motivações que me levaram à escolha dessas duas narrativas, se dão pelo fato de que as construções dêiticas aí presentes constituírem formas bastante recorrentes, ratificando o uso de expressões culturais específicas desses relatos.

Analiso, neste trabalho, as construções dêiticas, especificamente as locativo-espaciais, entendendo-se, neste contexto, tanto as formas indicadoras de lugar propriamente ditas quanto as denominadas espaço-temporais. Não tenho por objetivo, neste artigo, estabelecer uma categorização para tais formas. No entanto, procedo a algumas classificações mais gerais visando

⁴ Segundo os teóricos funcionalistas, ação de apontar para dentro ou para fora da atividade verbal.

⁵ Ação de apontar para fora do texto, ou seja, de referir ao contexto macrocultural em que a atividade verbal é construída.

dar objetividade à minha descrição.

Assim, estabeleço oito classificações para as formas/construções aqui analisadas:

- 1) Construções dêiticas demarcadoras de tempo;
- 1) Construções dêiticas modificadoras de nome;
- 2) Construções dêiticas indicadoras de origem ou procedência;
- 3) Construções dêiticas que indicam transcurso;
- 4) Construções dêiticas indicadoras de mobilidade, mudança ou transformações;
- 5) Construções dêiticas indicadoras de direção;
- 6) Construções dêiticas indicadoras de localização do referente;
- 7) Construções dêiticas indicadoras de percurso locativo;

Observe-se, a seguir, as narrativas sob análise:

Narrativa 1⁶

O irmão médium

Eu tinha um irmão que ele era médium, que chamavam né? ninguém sabia...ele era um rapazinho () ...ninguém adivinhava que ele tinha aquilo aquele dom...aí quando fui dus quatorze anos pra frente cumeçu a aparecer cuias quê a gente ficava espantado de ver...quando "fui" um dia ele...tava su com a minha mãe que criu nós (porque a nossa mãe "fu" embora cedo) e aí ele enxergu um passarinho... ele cureu pra pegar este passarinho e este passarinho *ia pulando e ele ia pulando atrás* e pega este passarinho e num pegava ele pegu a estrada *fui varar pra banda do aningar graças à Deus que ia passando gente lá* e Regu ele... mas este menino pulu tanto neste dia que não tinha sete hume pra aquentar ele... atrás deste bendito passarinho (era um Jaçanã... disque) o quê que era num sei né... só sei que de lá pra cá nós fumo sofrendo tanto cum ele e *esses curadu daqui* pra tirarem isso dele davam surra nele ele ficava tudo marcado de tanta rimpada daqueles pião nuxo e acabu que *uma mulher lá de Santarém* veio e se prontificu pra curar ele né... aí nós aceitamo ela *fez um trabalho e desses tempos pra cá* ele não pulu mais só curu curava curu tanto que gente que veio de Santarém com paralisia crianças que foram pra Santarém e o médico mandu pra casa su pra morrer e ele salvu (...) duas aqui eu tenho certeza que ainda tão viva *uma é filho do MARRECA..lá do ANTUNIO...ele veio aqui já su pra morrer pra cá* e aí ele disse que ele curava que procura... e ele disse sê tu curasse eu te mando eu te pagava com um bui então ele disse que era pra procura ele, aí ele sê mudu domingo lá pra casa dele e curu tá até huje ele aí... e ele era um curadu muito bum não cubrava nada...até o dia que ele vir crente, lá pro seus tantos anos.....setenta anos ele viru crente não quis mais nada, aí eles dizem que "furam" os guias dele que judiaram dele só sei que este hume mureu com câncer que cumeu a cara dele mas era uma coisa horrível.....de ver (frase

⁶ Transcrição com base nas normas do Projeto Norma Urbana Oral Culta - NURC (1969)

exclamativa) Quem viu ele bom fui uma felicidade.

Narrativa 2

A cobra grande do Aningal

Tem gente que não acredita que exista cobra grande né? Mas a cobra quando é "maiur" que as "utras" que a gente sabe, é grande! Aí ele (esposo de D. Bela) tava caçando, tava caçando e eu enxerguei *daqui pra banda do rio* eu tava esperando um peixe e eu vi aquele "naguçu" se mexer e eu procurei "arguma" "cuisa" esperando ele passar pra "arpuar" ela, era uma sucuri que tava com a cabeça do tamanho de um ouriço de castanha, olha quando ele (esposo) se mexeu assim na "canua", *mas uma distância "cumo" daqui lá na estrada* a gente via o "aningar" se mexer, ah menina! Nós "voamo" pra casa, ninguém quis mais quis saber de nada e muitas "utras" 'cuisas" que "acuntemceram" lá.

4. Análise

Considerando as classificações, anteriormente expressas, procedo às análises relativas a cada uma delas, descrevendo o funcionamento das construções dêiticas locativo-espaciais, particularmente acerca de suas propriedades discursivas e enunciativas, construtoras das narrativas estudadas.

(I) Construções dêiticas demarcadoras de tempo

Nas narrativas sob análise, verifiquei a presença de construções dêiticas demarcadoras de tempo. Nesse caso, temos expressões em que a dêixis locativo-espacial demarca o espaço-tempo em que transcorre a ação, podendo ser uma ação em continuidade ou aquela ação já encerrada no passado. Observamos, no trecho a seguir, a ocorrência de três construções dêiticas: de tempo, lugar e aspectualidade: "e ele ia pulando atrás; fui varar pra banda do aningar; ia passando gente lá...". Como se pode observar, as expressões *atrás*, *pra banda do aningar* e *lá*, indicam, do ponto de vista enunciativo, uma localização espacial em que a atividade discursiva acontece. No caso das expressões acompanhadas de formas gerundiais, a atividade enunciativa tem o sentido progressivo no pretérito e, por conseguinte, as expressões *atrás* e *lá* indicam a especificidade locativa do ato enunciativo. Esse tipo de localização é uma particularidade da ação que está sendo implementada, aí expressa pela voz do locutor/enunciador, em sua tarefa de construção dos fatos carreados no processo narrativo.

(II) Construções dêiticas modificadoras de nome

É o caso da expressão "esses curadu daqui" em que se observa uma locação espacial em que o enunciador caracteriza ou qualifica o referente aí nomeado. Nesse sentido, na atividade

enunciativa, o enunciador expõe um ponto de vista ou uma rotulação acerca do referente *curadu*, retirando-o da neutralidade, predicando sobre este. No contexto da narrativa como um todo, essa especificação faz parte do processo narrativo. Assim, a atividade dêitica se presta a pregar sobre determinados referentes, precisamente pela presença do elemento adverbial locativo.

(III) Construções dêiticas indicadoras de origem ou procedência

Tem-se, nesse âmbito, construções como: “uma mulher lá de Santarém; gente que veio de Santarém”. Observa-se, portanto, que a construção dêitica “lá de Santarém” expressa um sentido de distanciamento do enunciador em relação ao referente que está sendo apontado. Assim, a atividade enunciativa denota também um posicionamento, do ponto de vista discursivo, do locutor que enuncia os fatos narrados. A ausência de proximidade do locutor em relação ao referente demarca ou caracteriza a atividade enunciativa, no sentido de colocá-lo numa perspectiva mais genérica, ou seja, não particularizando-o ou especificando-o.

(IV) Construções dêiticas que indicam transcurso

É o que se pode observar em construções do tipo: “só sei que de lá pra cá; ela fez um trabalho e desses tempos pra cá”. Tem-se aí construções cujo sentido conduz, na atividade enunciativa, a uma perspectiva de cronologia locativo-temporal em que ocorrem os fatos narrados. Desse modo, o enunciador-narrador concede uma dinâmica aos eventos que estão sendo expressos na atividade discursiva. Logo, as expressões *de lá pra cá* e *desses tempos pra cá* dão a ideia de uma mobilidade temporal pela qual os fatos são conduzidos sob a perspectiva do narrador.

(V) Construções dêiticas indicadoras de mobilidade, mudança ou transformação

É o caso de construções como “aí ele se mudou domingo lá pra casa e até o dia que ele virou crente”. Estas construções carregam, em seu bojo, as expressões dêiticas de mudança (*mudou*, *pra*), de tempo (*domingo*) e de locativo (*lá*, *casa*). Por expansão semântico-pragmática, mediante um processo de metaforização, de espaço, a construção dêitica “até”, demarca um lugar temporal em que os fatos transcorrem. Desse modo, tais sequências operam no sentido de precisar o que está expresso pela atividade verbal, com consequências para a atividade enunciativa, em que o narrador constrói balizamentos textual-discursivos na construção do processo narrativo e enunciativo.

(VI) Construções dêiticas indicadores de direção

Tem-se, nesse caso, construções como: “fui varar pra banda do aningar e crianças que foram pra Santarém”. Esta construção é resultante da forma [verbo ou locução verbal de

deslocamento + preposição (para) + locativo]. Tal construção tem a propriedade de expressar, no processo narrativo, direção, rumo, caminho. Nesse caso, construções desse tipo, indicam na atividade enunciativa, a perspectiva pela qual o enunciador constrói a atividade de narrar. Logo, sequências como *pra banda do aningar* e *pra Santarém* direcionam o processo dêitico-locativo, construído sob o viés discursivo do sujeito que constrói o relato.

(VII) Construções dêiticas indicadoras de localização do referente

Este tipo de construção vem expressa em proposições como: “uma é filho do MARRECA...lá do ANTUNIO ...ele veio aqui já su pra morrer pra cá”. Conforme expresso na construção em análise, esta proposição tem a propriedade dêitica de localizar o referente no processo narrativo, precisamente no que diz respeito à atividade verbal. Nesse sentido, expressões desse tipo, especificamente nas sequências “lá, aqui e pra cá” têm a função de delimitar o espaço locativo construído pelo narrador na ação verbal que está sendo carreada.

(VIII) Construções dêiticas indicadoras de percurso locativo

As construções “*daqui pra banda do rio* e *mas uma distância "cumo" daqui lá na estrada*” presentes na narrativa 2 têm a função de indicar um transcurso locativo, especificamente em sequências como “daqui pra banda do rio” e “daqui lá na estrada”. Logo, como se pode detectar, tais sequências instauram um deslocamento não só de natureza física, mas também constroem a perspectiva do narrador em relação a esse transcurso espacial, denotando uma espécie de dinâmica no que se refere às ações narrativas em mobilização no relato.

Dadas as categorias analisadas, constitui-se como relevante compreender o funcionamento discursivo-enunciativo das construções dêiticas, considerando que estas atuam como elementos centrais para a construção da atividade narrativa. Por outro lado, essas construções estão atreladas a fatores culturais muito particulares. Assim, o narrador, em sua atividade, coloca de forma mais evidente sua subjetividade. A ação construtiva dêitica reafirma o fato de que o ato de narrar não está desatrelado de fatores culturais situados, isso na medida em que a própria linguagem constrói a cultura e é cultura em sua dimensão mais alta e proeminente. Logo, ao enunciar, o narrador traz para o seu relato as expressões por meio das quais uma cultura é construída, especificamente aqui, a cultura amazônica - com seus modos de dizer, de discursivizar sobre suas relações e sua maneira de entender e transitar pelo seu próprio mundo e por outras culturas. Por esse ângulo, é por meio de construções, como as analisadas neste trabalho, que se pode, de fato, entender a sociedade na qual estamos imersos e que nos constitui inelutavelmente.

5. Considerações Finais

Tendo em conta as análises realizadas neste trabalho, considero que o estudo das construções dêiticas locativo-espaciais é de extrema relevância para a compreensão das culturas amazônicas. Mas, se é possível falar em culturas, então os fenômenos analisados neste trabalho não dizem respeito a uma cultura amazônica em geral, mas posso dizer que se trata aqui de fenômenos dêiticos referentes à cultura amazônica na qual tenho realizado atividades de pesquisa. Assim, as construções analisadas são concernentes a um *locus* cultural que posso chamar de mais estrito. No entanto, se as culturas possuem elementos de interseção e confluência, logo, as construções analisadas são referentes às várias culturas que integram a sociedade amazônica, particularmente aquelas cujos dados da ancestralidade ainda persistem, precipuamente no que diz respeito aos fenômenos linguísticos estudados.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Frankfurt am Main, Ullstein, 1978.
- CERVONI, Jean. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DUBOIS, Jean. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. *Dicionário encyclopédio das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FILLMORE, Charles. *Lectures on deixis*. California: Publications Stanford, 1997, 1984.
- FLORES, Valdir do Nascimento [et. al.]. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2021.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.